



Um encontro com Fernando Sabino na movimentada São Luís dos anos 70

PAG. 3



Fernando Sabino visitou São Luís em 1975 e participou de um grande evento orquestrado pelo Repórter PH

Morte do poeta Pablo Neruda completa 53 anos e ainda está cercada de mistério

PAG. 2

Divulgação



UM COLÍRIO
para este fim de semana:
a beleza e o charme de Daniella Rocha, aniversariante do dia 13 de setembro. A data será festejada com almoço no Ferreiro Praia da Península da Ponta d'Areia

PAG. 7

O primeiro sinal de que a primavera chegou é a mudança na roupa das árvores, desde a íntima floração junto aos galhos, até a orgulhosa cabeleira na copa das trepadeiras lenhosas – como os ipês e as buganvílias, explodindo em cores tão vivas quanto um quadro de Jesus Santos ou de Péricles Rocha.

É verdade que em São Luís, terra de estações tão misturadas, a estação chega de mansinho e não acontece nada de extraordinário. Nenhum degelo, nenhum rebentar de renovos, marca a entrada desse novo tempo aqui nos trópicos. É mais um cheiro no ar, um novo alento. De repente a gente se dá conta de que já estamos chegando aos últimos dias de setembro e alguma coisa mudou.

Meu coração bate por um fim de semana de céu claro e contínuo, atmosfera limpa, o sol iluminando as manhãs com o seu magnífico holofote – para que os que moram nesta cidade percebam, afinal, olhando sobre a cabeleira colorida das buganvílias e a coroa viçosa dos ipês – ou pau d'arcos, como aqui chamamos –, que deles é o Reino dos Céus.

Mesmo sem alvoroço, não há como não perceber que há vozes, sons, cores, sabores e odores a dizerem que também nestes trópicos este é o tempo da primavera. Que a natureza está em festa. E tudo segundo as peculiaridades de nosso meio ambiente, do modo de ser da natureza que aqui se manifesta.

PRIMAVERA

entre adágios e allegros a estação chega de mansinho e nada acontece de extraordinário

Não há como negar que a primavera aqui seja mais uma expectativa que uma realidade. Não é uma estação, pura e simplesmente. É um estado propiciatório, rito de passagem para o verão que se aproxima. Verão que é o próprio clímax, vértice supremo, suprema realização de uma cidade de adoradores do sol, de curtidores insaciáveis de praia e de mar.

Mas, por enquanto, há só uma poeira fina no ar. Pólen luminoso de árvores que iniciam a floração. Por enquanto, apenas um leve aperto no coração, melancolia, talvez, talvez um susto, porque um outro ciclo se aproxima e subitamente nos damos conta de que já é quase verão e o tempo passa.

Mas tudo não passa de uma promessa. Um lento insinuar-se de desejos inconfessáveis. Uma premonição de luxúria ao toque da brisa na pele que anseia desnudar-se e destilar ao sol toda a força represada como seiva, adormecida sob as neves de um inverno imaginário.

É sempre bem-vinda esta suave amiga

que fecunda a terra, faz brotar a semente, colore o mundo, e renova o ciclo da vida ano após ano. Porque a primavera é cheiro, fragrância, perfume. Essência de saudade e de promessa.

Mais uns dias e muitas árvores desta cidade estarão floridas. Nas avenidas, o ouro fulvo das acácias e os flamboyants ardentes explodirão de luz na labareda de suas copas, ao mesmo tempo em que, por sobre os muros renovados, as buganvílias alvoroçadas exibirão suas cascatas coloridas, como arco-íris encantados. E haverá sem dúvida um revoar de pássaros, ruflar de asas marinhas pela tarde na baía de São Marcos e um surdo rumor de abelhas.

Haverá certamente enxame alvoroçado de borboletas minúsculas, caindo do céu como chuva de pétalas. E então nada mais nos deterá neste rumo secreto. O verão nos espera com seus laços, seus cheiros de manga e bacuri, seu travo de cajus.

Quando Antonio Vivaldi compôs “As Quatro Estações”, a magnífica série dos famosos

quatro concertos – a Primavera, o Verão, o Outono e o Inverno, nesta ordem –, por algum milagre do tempo e da geografia, o italiano parece ter sido transportado para a Ilha de São Luís – onde as estações são ritos de passagem e, por isso mesmo, num único dia, elas se desatam entre adágios e allegros.

Inverno e Verão são estações antípodas, cada uma com seus violões e violinos, asseguram os meteorologistas. Não na Ilha de São Luís, onde as Quatro Estações se misturam e se alternam, ao sabor de sibilinos instrumentos de corda, magistralmente manipulados por maestros como o poeta José Chagas, regendo, com sua lírica, esse vento prodigioso que altera a feição das tardes e das manhãs, e que ora impõe a calmaria dos adágios, ora a vivacidade dos allegros...

“Aqui os telhados/ brotam como roças./ São vales plantados/ de saudades nossas./ suspensos jardins/ de uma babilônia/ de sonhos afins/ e de lenda errônea./ Aqui as lembranças/ pastam, nas ruínas,/ verdes folhas mansas/ de saudades finas./ A memória come/ desse verde estranho/ e os dias em fome/ trazem seu rebanho/ para alimentar-se/ durante o inverno/ no verde disfarce desse sonho eterno”.

Se tivéssemos que colocar letra na música genial de Vivaldi, os versos de Chagas em “Telhados de São Luís” cairiam no conjunto de concertos como um divino acompanhamento, do piccolo flautim até a encorpada tuba..., tambores batendo nas portas, violinos miando nas vidraças.



Poeta Pablo Neruda

NERUDA: MORTE DO POETA CHILENO COMPLETA 53 ANOS

Vencedor do Nobel morreu apenas doze dias após o golpe militar de Pinochet e teve corpo exumado em 2013 – uma investigação complexa e ainda indefinida

O início dos anos 1970 parecia antecipar um período de bonanças para o poeta Pablo Neruda. A começar pela vitória de seu amigo Salvador Allende nas eleições para a presidência do Chile – Neruda, aliás, era presidenciável e retirou sua candidatura para apoiar Allende. No ano seguinte, em 1971, como embaixador na França, o autor foi laureado com o cobiçado Nobel de Literatura. A boa fase, porém, não duraria muito. Em 1972, Neruda foi diagnosticado com um câncer de próstata, o que lhe afastou da vida pública. Seu pior pesadelo, porém, viria em 11 de setembro de 1973: a notícia de que o general Augusto Pinochet havia tomado o poder em um golpe militar – e de que Allende havia se suicidado. Doze dias depois, aos 69 anos, Neruda também estaria morto.

O poeta morreu em 23 de setembro de 1973, data que completa agora 53 anos e ainda causa discussões. A causa oficial da

morte é o câncer de próstata. Porém, pessoas próximas de Neruda batiam na tecla de que ele fora envenenado pelo governo de Pinochet. A teoria de tom conspiratório não era sem razão. Além de poeta, Neruda era ativo na política. Foi senador e figura importante do partido comunista na década de 1940 e chegou a viver exilado na Argentina no início dos anos 1950, quando o comunismo foi banido do país. Ao lado de Allende, era o nome mais popular da esquerda chilena quando Pinochet tomou o poder. O caso voltou à tona em 2013, quando o corpo de Neruda foi exumado – uma investigação que já dura treze anos com resultados intrincados.

“Saudade é o inferno dos que perderam/é a dor dos que ficaram para trás/é o gosto de morte na boca dos que continuam...” Os versos de Pablo Neruda

despertam o lirismo da nostalgia, mas servem também para espelhar a virulência da polêmica que tomou conta do Chile desde que o Partido Comunista local pediu a exumação do corpo do poeta por acreditar que ele foi assassinado por agentes da ditadura do general Augusto Pinochet. Oficialmente, o vencedor do Prêmio Nobel de Literatura morreu aos 69 anos por conta de um avançado câncer de próstata em uma clínica de Santiago, 12 dias após o golpe militar que depôs o presidente socialista Salvador Allende, em 11 de setembro de 1973.

Tudo começou quando um antigo motorista de Neruda revelou em depoimento que o escritor ligou para ele horas antes de morrer, afirmando ter recebido uma injeção suspeita no estômago enquanto dormia no hospital. O caso dividiu a própria família de Neruda.

Um de seus parentes mais vocais contra a exumação, o sobrinho-neto Bernardo Reyes afirmou que a teoria era absurda, já que naquela época “ainda não havia no país, durante a ditadura, um desenvolvimento de assassinatos com técnicas químicas”.

Do outro lado, Rodolfo Reyes, também sobrinho do autor, chegou a divulgar antes dos encarregados das análises laboratoriais um resultado cravando o assassinato do tio.

De fato, os cientistas encontraram na ossada de Neruda uma toxina produzida pela bactéria clostridium botulinum, que causa botulismo. “Encontramos a bala que matou Neruda, estava dentro de seu corpo. Quem a disparou? Em breve vamos descobrir”, disse Reyes. Responsáveis pela análise, porém, não cravaram que a morte tenha sido envenenamento. Um mistério que assombra a história do Chile e da literatura.



De origem judaica, Diego María de la Concepción Juan Nepomuceno Estanislao de la Rivera y Barrientos Acosta y Rodríguez (1886-1957) foi um dos maiores pintores mexicanos. Foi casado com Frida Kahlo; o baiano Jorge Leal Amado de Faria (1912-2001) foi um dos mais famosos e traduzidos escritores brasileiros de todos os tempos; e Pablo Neruda (1904-1973) foi um poeta chileno e um dos mais importantes poetas da língua castelhana do século XX. Foi cônsul do Chile na Espanha e no México



Pablo Neruda e Jorge Amado



Zélia Gattai, Jorge Amado e Pablo Neruda



Candido Portinari (considerado um dos mais importantes pintores brasileiros de todos os tempos) e seus amigos escritores: Graciliano Ramos, Pablo Neruda e Jorge Amado. Rio de Janeiro, 1952

Meu primeiro encontro com o mar

Meu primeiro encontro com o mar me extasiou os olhos e me inundou a alma. Não importa há quanto tempo tenha sido: não existe idade para as grandes emoções. Como se fosse hoje e instantaneamente, senti que estava diante de uma imensidão sem reprise.

Devo esclarecer que era manhã e a praia estava deserta. Vi muitos mares depois, do Pacífico ao Mediterrâneo, do Tirreno ao Adriático, do Báltico ao Jônico. Nenhum me legou tão nítido sentido de poder e vastidão quanto as águas da praia do Olho d’Água, em São Luís.

De que era feita essa impressão?

Creio que das ondas se formando como suaves, ásperas cordilheiras, que se armavam e se desfaziam entre céus e areias. Suponho que do aroma de sal da atmosfera, que me apresentava a uma nova dimensão do mundo, instigante e intraduzível. Penso que daquele horizonte infinito, que era o casamento das águas e do firmamento.

E havia ainda o fato de que a praia do Olho d’Água era algo de único e inimitável. Conheci Araçagi e Calhau; Copacabana e Ipanema. Conheci as praias da Espanha, as de Portugal, as da França, as do Chile, as da Califórnia. Escalei meia dúzia de verões em Punta del Este. São todos lugares apazíveis, alguns soberbos, outros surpreendentes, como Timmerdorfer Strand, onde as vagas são da cor violeta. Mas o mar do Olho d’Água era diverso.

Já nem estou falando agora do impacto de seu mar em minha infância. Me transponho para a adolescência.

O que é a felicidade? Uma das definições possíveis são aquelas areias brancas, onde você deixava a ressaca do baile da noite anterior, ouvindo no radinho Spika o último sucesso do The Platters. Outra é a absoluta paz íntima, advinda da certeza de que você nada tinha de mais importante a fazer no universo do que não perder uma reunião dançante marcada para as cinco da tarde, no Litéro ou no Casino Maranhense.

E outra ainda era perceber uma sombra pairando sobre seus devaneios e abrir os olhos e ver, recém-chegada e lindíssima, a garota que você iria amar para todo o sempre.

Neruda e a Primavera

“Podem cortar todas as flores, mas não podem deter a primavera.”

A frase atribuída ao poeta Pablo Neruda nos inspira:

As flores representam o amor, a justiça e a esperança que, mesmo diante de dificuldades, podem ser sufocadas, mas nunca eliminadas.

A primavera simboliza a renovação, o florescer e a certeza de que o novo sempre chega, superando todos os obstáculos.

É um lembrete de que a vida, a justiça e a liberdade sempre encontram um caminho para renascer.

MEMÓRIA



Fotos/Reprodução/restauradas por IA

Coisa rara: o escritor Fernando Sabino (1923-2004) de black-tie. Aconteceu em São Luís em noite mágica no Grande Hotel San Francisco. Era o Grande Baile do Maranhão Imperial, com show de Nonato Buzar (1932-2014), no momento saboreando o sucesso de sua música “Vesti Azul”, aplaudido pelo arquiteto Sergio Bernardes (1919-2002), a atriz Luiza Helena (1917-1999), a Garota de Ipanema Helô Pinheiro (hoje com 83 anos) e o próprio Sabino com a esposa, Ligia Marina de Moraes (80 anos), na foto à direita, no restaurante A Varanda, de Maria Castelo (1937-2006)

A amizade com Fernando Sabino

Hoje não vou falar sobre a minha amizade com Fernando Sabino, um escritor mineiro que, se estivesse vivo, estaria comemorado 103 anos no próximo dia 12 de outubro. Acontece que essa amizade é só da minha parte. A gente se conheceu pessoalmente em 1975, quando ele veio participar de um evento social – o Grande Baile do Maranhão Imperial – que realizei no então Grande Hotel San Francisco, do saudoso Moacir Neves.

Sabino veio acompanhado da esposa Lygia Marina, o arquiteto Sérgio Bernardes (que acabara de chegar da Pérsia, onde realizou projetos para o Xá Reza Pahlavi), a atriz Heloisa Helena, a Garota de Ipanema, Helô Pinheiro, e o compositor maranhense Nonato Buzar (no auge do sucesso da música “Vesti Azul”).

Como Sabino faleceu em 2004, nunca mais vou reencontrá-lo. Mas isso não impediu que ele se tornasse um dos meus grandes amigos, um cara que conta histórias que me fazem rir

e me emocionar.

Quando o conheci, em 1975, seu livro “A Vitória da Infância”, que reúne contos e trechos de romances publicados anteriormente que abordam o tema “infância”, era lido até nos colégios. É provável que já tivesse lido alguma coisa dele antes, afinal suas crônicas estão espalhadas por livros escolares por aí, mas o encontro que me marcou e ficou gravado como o primeiro foi esse. Em meio a leituras, provas, interpretações e análises, descobri um autor que parecia escrever só para mim, contando aquelas histórias de uma maneira tão simples, tão envolvente, que me faziam ter saudade da minha infância, que nem estava tão distante, mas já era apenas memória.

Gostei da leitura, senti uma afinidade imensa com o escritor mineiro, mas ficou por isso mesmo. Selei nossa amizade de vez quando li o livro “O Grande Mentecapto”, em 2004. E com a história de Geraldo Viramundo

não teve jeito: Fernando Sabino me ganhou e não tinha mais volta. E saber que ele morreu em 11 de outubro daquele mesmo ano, pouco antes de eu descobrir o quão incrível ele era, até hoje me deixa triste.

Uma confissão: até hoje não li toda a obra do Fernando Sabino (que é extensa, mas não tanto assim). Saber que, quando fechar o último livro, não terei mais nada dele para ler, me faz “esconder” algumas obras para ir descobrindo-as aos poucos, como se fossem publicadas agora...

Em homenagem aos 90 anos do Fernando Sabino, o Circuito Cultural da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, recebeu uma exposição sobre sua vida e sua obra. Até um vagão de trem “apareceu” no meio da praça pra ajudar a contar a história do autor belo-horizontino. Eu visitei a mostra e, para homenagear o escritor, escolhi um dos seus livros de crônicas, O Homem Nu, e um romance O Encontro Marcado, e me envolvi pelo “papo” desse meu velho amigo...



Na mesma noite, em 1975: Helô Pinheiro dançando com o Repórter PH



O Repórter PH conversando com a atriz Heloisa Helena



O arquiteto Sergio Bernardes e Genu Moraes Correia (1927-2015)



Nonato Buzar com Sérgio Bernardes



Os garçons que trabalharam no Grande Baile do Maranhão Imperia estavam vestidos de libré desenhados por Aldo Leite (1941-2015)

Mulher

Só porque elas são divinas e ficam ainda mais lindas e maravilhosas com um sorriso nos lábios, o PH Revista publica algumas brincadeiras que divertem as mulheres na Internet:

1) Como se chama um homem inteligente, sensível e bonito? Boato.

2) Por que os homens não têm período de crise na idade madura? Porque nunca saem da puberdade.

3) Qual é o ponto comum entre os homens que frequentam bares para solteiros? Todos eles são casados.

4) Como saber se um homem está mentindo? Seus lábios se mexem.

5) Como um homem chama o amor verdadeiro? Ereção.

6) Por que as mulheres não querem mais se casar? Porque não é justo.

Imagine, por causa de 100 gramas de linguiça ter que levar o porco inteiro.

Do meu diário

Antipatia é fenômeno bem mais profundo do que se imagina e atinge o centro do ser.

Há no bicho homem impulsos interiores mal conhecidos por ele, mal resolvidos, talvez inexpugnáveis, dentro das quais latejam impulsos contraditórios, capazes da maior admiração e de cabal rechaço.

É protesto do âmago de um ser negativo, que pode levar (e leva) a racismo, a preconceito; a raivas gratuitas. Como entre cães: ao se cruzarem ou são indiferentes, cheiram-se e prosseguem ou, ao revés, engalfinham-se, furiosos. Não há razão, salvo incoercível impulso vindo das profundezas viscerais.

Da antipatia para a calúnia, a infâmia ou difamação, é um passo.

Da calúnia

A primeira vitória é sempre do caluniador. Este é um dos tipos mais sórdidos. Usa meios ilegítimos, inclusive os jornalísticos, impede a defesa de sua vítima e quase sempre o faz por motivos menores, que vão da antipatia à inveja insuportável.

No primeiro momento, um caluniador reles consegue ferir, deprimir, quitar algumas horas de sono.

Quem é caluniado precisa de ingente esforço de tolerância, e sabedoria para não se deixar arrastar por o sofrimento e poder “deletar”, suportar ou exorcizar os males desses ataques. Perdoar é o melhor e o mais difícil dos gestos do caluniado.

Num segundo momento, o caluniador mergulhará (mesmo que anos depois) na insuportável culpa ou adoecerá.

Só se faz ao próximo o que se está a fazer (interiormente) a si mesmo. Saudável sairá o que perdoou.

Da hierarquia

Existe uma hierarquia espiritual entre as pessoas. Ela desperta fundas invejas. Espíritos rasteiros e baixos ferem-se em demasia com o modo de ser dos mais elevados.

Então agredem, difamam, injuriam ou mergulham na calúnia, sua arma. Cabe a espíritos hierarquicamente superiores sofrer os ataques em silêncio. O não revide e a capacidade de sofrer silenciosamente comprovam a superioridade.

Deixar o ódio de alguém com ele mesmo, eis o mais duro dos revides.

Opinião

É da linha editorial deste caderno a defesa incondicional do princípio de que todo acusado, seja ele quem for, merece o mais amplo e sagrado direito de defesa. Jamais se advogou, nesta página, a atribuição sumária de culpas, investigações apressadas ou a condenação sem prova boa e limpa.

Os acusados de práticas fraudulentas envolvendo autoridades, funcionários públicos e empresários – pagamento de propinas e outros desmandos, tipicamente policiais –, cujos nomes desfilam sem censura pelas páginas dos jornais, devem beneficiar-se de todas as oportunidades que a lei lhes oferece.

Mas, decorrido o prazo legal, a lei deve ser dura, doa a quem doer.

No feriadão

No primeiro dia do feriado prolongado, não deu outra: terminal rodoviário lotado e longas filas para embarque em ferryboats.

Como a demanda aumentou, a lotação era máxima nas embarcações que navegam transportando passageiros para cidades do interior, principalmente da região da Baixada, e também para fora do Maranhão, no caso de Belém do Pará.

Quem preferiu permanecer na Ilha, optou pelas praias, que também registraram número significativo de banhistas.

Esfriadinha

Nas lojas especializadas no prazer sexual, faz sucesso um preservativo versão Ice lançado por uma das principais marcas de camisinhas do país. Lubrificado, o preservativo proporciona uma sensação gelada durante as relações sexuais.

O segredo é o colly jelly mentol, componente que cria a sensação de frescor em contato com as áreas erógenas.

Antigamente, o ideal era esquentar o clima nesses momentos de profunda intimidade. Hoje, o must é esfriar...

Liberou geral

Que o contribuinte não tenha a menor dúvida. A bandidagem pode até não saber ler muito bem, mas resolveu acelerar os seus “negócios” depois de perceber que a roubalheira do colarinho branco está tão desenvolvida, generalizada e impune que a delinquência passou a ser altamente compensatória.

Quando o crime, organizado e desorganizado, assiste na tevê ao espetáculo da absolvição de uma política filmada em flagrante delito, passa a entender que “liberou geral”.

A ira de Bin Laden

Continua circulando na internet que o 11 passou a ser um número inquietante. Podem pensar que é uma casualidade forçada ou simplesmente uma tontice, mas o que está claro é que há coisas interessantes, senão, vejamos:

- 1) New York City tem 11 letras.
- 2) Afeganistão tem 11 letras.
- 3) "The Pentagon" tem 11 letras.
- 4) George W. Bush tem 11 letras.

Até aqui, meras coincidências ou casualidades forçadas (será??).

Agora, o interessante:

- 1) Nova Iorque é o estado Nº 11 dos EUA..
- 2) O primeiro dos voos que bateu contra as Torres Gêmeas era o Nº 11.
- 3) O voo Nº 11 levava a bordo 92 passageiros; somando os numerais dá: 9+2=11.
- 4) O outro voo que bateu contra as Torres, levava a bordo 65 passageiros, que somando os numerais dá: 6+5=11.
- 5) A tragédia teve lugar a 11 de setembro, ou seja, 11 do 9, que somando os numerais dá: 1+1+9=11.

Agora, o inquietante:

- 1) As vítimas totais que faleceram nos aviões são 254: 2+5+4=11.
 - 2) O dia 11 de setembro, é o dia número 254 do ano: 2+5+4=11.
 - 3) A partir do 11 de setembro sobram 111 dias até o fim de um ano.
 - 4) Nostradamus (11 letras) profetiza a destruição de Nova Iorque na Centúria número 11 dos seus versos.
- Mas o mais chocante de tudo é que, se pensarmos nas Torres Gêmeas, damo-nos conta que tinham a forma de um gigantesco número 11.



Daniilo Fernandes (filho do casal), Ney Batista Leite Fernandes e Simone Fernandes

FESTA DE ANIVERSÁRIO NO MAMMA

O advogado Ney Batista Leite Fernandes mudou de idade na primeira semana de setembro e, ao lado da esposa Simone e do filho Daniel, reuniu uma multidão de amigos no Restaurante Mamma (de Gabi e Sobral Neto) para uma

noitada alegre, descontraída, de altíssimo astral, com direito a bolo de aniversário, coro de “parabéns pra você”, boa música de fundo e a alegria de uma turma jovem de bem com a vida e que sabe celebrar o reencontro de amigos com muita alegria em

clima a mais fraterna amizade. O fotógrafo Herbert Alves, que comemora 55 anos no mesmo local, com um jantar de adesões no dia 16 de setembro, passou por lá e registrou o evento para este caderno.



Marcio Mendes e Denise Gama



Luís Alexssandro Martins Costa e Priscilla



João Carlos Viegas e Edilza



Marcel e Nilene Guimarães



Simone Fernandes e Leticia Trovão



Mônica Aragão e Frederico Oliveira



Gabriele Bouman e Mauro Rocha



Fabrício Vilhena e Mariely



Guilherme e Nivana Guimarães



Ameliza Guimarães e Anilio Mendes



Lawrence Mello, o anfitrião Ney Fernandes, Frederico e Bruno Mendonça



Bruno Duailibe com os anfitriões Ney e Simone Fernandes



Sidney Filho, Bruno Tomé, Salvio Dino, Ney Fernandes, Lawrence Mello e Isabela Andrade



Gabriele Bouman e a filha Paloma, Denise Gama e Ney Fernandes



Elza e Holidice, Sidney Filho e Isadora, Ney Fernandes, Delegado Lawrence Mello e Isabela Andrade



Sidney Filho, Honorato Fernandes, Bruno Duailibe e Bruno Mendonça



Bruno Mendonça, Ney Fernandes, Honorato Fernandes, Fábio e Ferdinando Serejo

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Holidice, Sidney Filho, Bruno Tomé, Ney Fernandes, Denise Gama, Ana Amélia e Sálvio Dino



Simone de Carvalho Pereira Fernandes e Nilene Pereira Guimarães



Ney Fernandes, Denise Gama e Bruno Tomé



João Vitor, Rafaela Fernandes, Danilo Fernandes, Giovana e Isabele



Simone Fernandes, Celso Batista, Ney Batista Fernandes, Inilene Batista e Gustavo Batista



Marcos, Maurício, Tatiany, Ney Fernandes e Fabiano

Fotos/Divulgação/



Betto Pereira, um artista de muitos talentos

O vigário mergulhou no macarrão

A sensualidade da boa mesa é um detalhe atraente de O Leopardo (Il Gattopardo), em DVD duplo, nova cópia restaurada e remasterizada, com extras excelentes.

Vale a pena ver as refeições no palácio do Príncipe de Salina, solenes e rituais como um culto, a comida abundante e refinada.

Mais de uma vez no filme soberbo por Luchino Visconti feito a partir do livro maravilhoso de Giuseppe Tomasi di Lampedusa soam as sinetas chamando para o jantar, e aparecem mesas postas com esmero, magníficas travessas fumegantes carregadas por empregados uniformizados, gelatinas em forma de torre, garrafas esplêndidas, comensais discretos disfarçando sua gula voraz com expressões inapetentes, respeitosamente esperando pelo Príncipe, em pé, atrás das cadeiras.

O vigário mergulhou... 2

Na noite em que Angélica surge, a sensualidade se mistura com os sabores do jantar: “A porta se abriu e entrou Angélica. A primeira impressão foi de deslumbrada surpresa. Os Salina perderam a respiração; Tancredi chegou a sentir como se lhe pulsassem as veias das têmporas. Ela era alta e bem feita, sua carne devia possuir o sabor da nata fresca, a boca infantil teria o sabor de morangos...”, escreve Lampedusa, e Visconti recria essa cena no filme com mágica delicadeza.

Angélica (Claudia Cardinale) vive um jogo sutil de cativante sedução com o Príncipe (Burt Lancaster) e Tancredi (Alain Delon) durante o jantar. Tancredi, “que sorria transtornado”, só tinha olhos para Angélica, aquela mulher luminosa que ofuscava a tudo o mais com sua beleza. O Príncipe de Salina também ficou fascinado, cortejando-a com aristocrática sutileza. No filme, Burt Lancaster, magnífico, recria a nobreza altaneira do Príncipe que todos imaginamos na leitura do livro.

O vigário mergulhou...3

O cardápio do jantar foi timballi di maccheroni, monumentais pastelões recheados com macarrão. A fragrância de açúcar e de canela se libertava do interior quando a faca esquartejava a crosta, na bela imagem de Lampedusa: “itrompia primeiramente um vapor carregado de aromas, escorregavam depois os miúdos de galinha, os fragmentos de ovo duro, os filetes de presunto, de frango e de trufas que se misturavam na massa untuosa, quentíssima de macarrão curto, a que o caldo de carne dava uma preciosa cor de camurça”.

As emoções se sucediam à mesa. Depois de Angélica, os timballi agora deslumbravam os convivas que mal podiam se conter. A muito custo esperaram pela bênção do Vigário. O próprio Vigário parecia enfeitiçado: fez o sinal-da-cruz e “mergulhou no macarrão sem dizer uma palavra”.

O Príncipe, absorto na contemplação de Angélica, observou que os convivas “não percebiam que a comida parecia a eles tão suculenta porque uma aura de sensualidade tinha penetrado na casa”.

Academias de dança

Em outros tempos, quando São Luís contava apenas com clubes sociais do porte do Jaguarema, Lítero, Casino Maranhense e outros, nem pensar em Academias de Dança.

Naquela época, das festas dançantes bem frequentadas e animadas, era nos salões dos clubes que as pessoas aprendiam a bailar, especialmente ao som de boleros.

Nos dias correntes e na ausência de clubes sociais na cidade, as Academias de Dança passaram a ocupar esse espaço e em número significativo. E cada vez maior.

É nelas que as pessoas da terceira idade procuram recuperar o tempo perdido.

Os traços de Betto Pereira

Todas as artes aspiram a ser música – foi o que disse certa vez o compositor e, hoje vitorioso artista plástico Betto Pereira, quando lhe perguntam como é que ele virou pintor.

Depois de brilhar muitos anos como um dos mais inspirados compositores maranhenses do seu tempo, Betto Pereira decidiu trocar, por algum tempo, os instrumentos de cordas para fazer música, por tintas e

pincéis. E assim começou a compor cenas de São Luís, que são uma fusão de elementos da cultura popular maranhense com os elementos musicais extraídos de seus ritmos e sonoridades.

Resultado: o artista tem produzido aplaudidas coleções, reunindo trabalhos (acrílico sobre tela), que hoje enfeitam espaços nobres no Maranhão, no Brasil e em diversos países.



João do Vale, o Maranhense do Século 20, em pintura de Betto Pereira

Beijos fatais

Pintar os lábios já era costume na Renascença. Os batons eram feitos de algum tipo de pasta venenosa que continha chumbo. Após a Revolução Francesa, as mulheres continuavam a se maquiar, mas sem batom, com ênfase na beleza natural. Qualquer tipo de realce era visto com desconfiança.

Na década de 1890, o batom começou a ganhar terreno, e a loja Sears os anunciava como uma mistura inofensiva para lábios e faces.

Mas muitos não eram. Usavam-se chumbo, anilinas e outros produtos químicos perigosos para a saúde.

Só após 1938 o Congresso Americano conseguiu aprovar uma lei federal para regulamentar a fabricação dos batons, depois que um artigo no Saturday Evening Post levantava a possibilidade de um envenenamento em massa, não só nas mulheres que usavam o batom, mas em todos os homens que as beijavam.

Voto na segunda opção

Espera até amanhã que passa. Não passou. Tome um chá. Não passou. Engula uma aspirina. Não passou. Reze. Não passou.

Um corpo, geralmente, avisa algumas vezes antes de colapsar. Depois, vem a febre. O fogo que incinera os ônibus e incendeia o organismo social. Próximo passo: a enchente que não esfria.

As redes inundadas com imagens de labaredas, mortes e sustos.

Há pelo menos duas maneiras de olhar os fatos.

Uma: é o caos. Outra: é a última chance de evitá-lo.

Ainda dá tempo de conter a infecção. Desde que consigamos admitir que a doença não é só do outro. Jamais, sob nenhuma hipótese, devemos justificar a reação selvagem de quem deve à sociedade e, por isso, está preso. Mas para que essa verdade seja legítima, não podemos aceitar que a conta a ser paga por quem está atrás das grades seja tão maior do que a devida.

Nós, do lado de fora, deveríamos dar o primeiro passo em vez de disparar o segundo tiro.



Vinícius Carlesso e Thalita na hora do Sinalizador de Fumaça, para saber o sexo do bebê.

OS MACHADO EM UBERLÂNDIA

Localizado na região do Triângulo Mineiro, no Estado de Minas Gerais, o município de Uberlândia tem origem ligada à ocupação de bandeirantes nos primórdios do século XIX. Esses grupos buscavam a ocupação territorial e a exploração do então Sertão da Farinha Podre. As terras que deram origem aos primeiros povoadamentos pertenciam à Fazenda do Salto. O povoado que se formou na Fazenda to recebeu o nome de Arraial de Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião da Barra de São Pedro. No dia 31 de agosto de 1888, por meio da Lei nº 3.643 (<https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/LEI/3643/1888/>), foi criado o Município de Uberlândia. Foi nessa cidade mineira que Donizete e Moacir Machado participaram no último fim de semana, da festa de revelação do sexo do próximo neto do casal que irá nascer em março de 2027 e que será o primeiro herdeiro de Thalita e Vinícius Carlesso



Vinícius Carlesso, com Moacir e Donizete Machado, e Thalita Carlesso



Moacir Jr. e Syene com as filhas Nayana Machado e Thalia Machado



Hélio Carlesso e Jerônima Carlesso, pais de Vinícius



João Luís Machado, com Tatiana Machado



Vinícius Carlesso e Thalita, com Thalia e Israel, noivo dela



Thalita e Vinícius Carlesso com os pais dele, irmãos, tios, e primos

Fotos/Divulgação/



O jazz perdeu na primeira semana de setembro uma de suas maiores cantoras da música

CASSANDRA WILSON: UMA VOZ ARREBATADORA DO JAZZ

Considerada uma das maiores cantoras da música jazz, com uma voz poderosa e arrebatadora capaz de guiar, segurar e inebriar qualquer canção em que tocasse, Cassandra Wilson morreu na terça-feira, aos 70 anos, na sua casa em Jackson, no estado americano do Mississippi. A causa da morte não foi divulgada.

Vencedora de dois Grammys, em 1997 e 2009, e considerada, em 2001, a Melhor Cantora dos Estados Unidos pela revista Time, em 2001, Cassandra Wilson foi uma das principais figuras do jazz das décadas de 1980 e 1990, tendo atingido um grande número de vendas.

Com o seu contralto inconfundível, a cantora e compositora americana transportou a intensidade melancólica dos blues do Mississípi, a sua terra natal, para o jazz, abrindo-o a outros gêneros e tonalidades, do folk ao country, do R&B ao pop.

Entre canções originais e covers, a voz de Cassandra Wilson fortaleceu as raízes e os múltiplos trânsitos do patrimônio musical afro-americano, mas sem criar divisórias. Cantou músicas de nomes como Joni Mitchell, o brasileiro Antonio Carlos Jobim, Bob Marley, Muddy Waters, Hank Williams ou Neil Young (a versão de Harvest moon é o par perfeito de New moon daughter, uma das suas canções originais).

“Vivemos vidas muito segmentadas”, disse em entrevista à Time, em 1996. “Há música negra e há música branca. Isso sempre me incomodou. As pessoas não veem as coisas como um fluxo contínuo, não percebem o que tende a unir-nos a todos. É isso que eu vejo. É isso que tento transmitir.”

Cassandra Wilson nasceu em Jackson, no dia 4 de dezembro de 1955. A mãe era professora no ensino público e o pai trabalhou como funcionário dos correios, agente de seguros e professor de música – também tocava baixo em

grupos locais de jazz e de blues. A música era presença habitual em sua casa e na sua infância, quando já tocava piano clássico. Mudou para o clarinete e para a guitarra na adolescência, nessa altura começou a compor.

A escola foi também importante para se iniciar nas suas experimentações artísticas. No 11.º ano, participou numa produção do musical O Feiticeiro de Oz, que, segundo a própria, foi o seu primeiro contato com alunos brancos. Durante a escola secundária criou um trio folk, fruto da admiração por Bob Dylan e Joni Mitchell que partilhava com dois colegas. “Reuníamos-nos para tocar música, simplesmente. A troca que aconteceu durante esses anos foi reveladora e importante para a minha forma de pensar sobre a música e os seus limites”, contou à revista The Oxford American, em 1997.

Fortemente influenciada pela música e pelo posicionamento político de Nina Simone, Cassandra Wilson começou a ganhar terreno nos anos 1980, depois de trabalhar com músicos de jazz vanguardistas como o coletivo M-Base, liderado pelo saxofonista e compositor Steve Coleman. Mais tarde, colaborou com David Murray, fez a primeira parte de concertos de Miles Davis (que homenageou no álbum Travelling Miles, de 1999) e digressões com Wynton Marsalis. Inspirou gerações mais recentes da música jazz e arredores, como as cantoras e compositoras Norah Jones e Jhelisa Anderson.

O seu primeiro álbum, Point of View, foi lançado em 1986, mas foi com o terceiro disco, Blue Skies (1988), que conquistou um lugar autoral e definitivo na música jazz. Coming Forth By Day, editado em 2015, é o derradeiro álbum de uma voz cheia de gravidade e veludo que aplaudiu duas vezes em Nova York e uma vez por Portugal, em 2009, no Festival Guimarães Jazz.

A pedagogia da selva

O episódio é eloquente e assustador. Mas motiva uma reflexão que se faz urgente por parte de autoridades públicas, educadores e das famílias.

No interior de uma escola de uma pequena cidade no Sul do país, uma aluna – menina ainda – agrediu uma colega a golpes de canivete. Nada de novo, pois ninguém desconhece que a violência que campeia nas ruas das cidades já contaminou as escolas. Estas são também sitiadas pelo tráfico de drogas e – constata-se agora – também

vítimas de chantagem do crime organizado.

O problema não é só de polícia. Nem se atribua apenas à exclusão social as suas causas. Na origem também remanesce uma pedagogia permissiva, que deixa a disciplina de lado, que não exige dos estudantes que persigam a excelência, nem lhes faz cobranças e muito menos pune os transgressores.

A comparação com soluções definidas por outros países seria salutar.

Corujas da madrugada

Viajar por via terrestre está cada vez mais arriscado. Não somente por questões humanas, mas também, digamos assim, por motivos naturais.

Quem se aventura a percorrer as estradas em direção aos diversos municípios maranhenses, por exemplo, acaba tendo de enfrentar os imprevistos vindos de cima.

Principalmente à noite, ocorre de condutores de veículos serem surpreendidos com corujas voando em alta velocidade e fazendo rasantes em direção ao parabrisas dos veículos, atraídas pela luz dos faróis, que encandeiam os olhos da ave, resultando nas inevitáveis colisões.

Um risco que pode provocar sérios acidentes.

Fotos/Divulgação



O CRIME DA BARONESA VAI PARA A AVENIDA EM 2027

O Carnaval 2027 já começa a ganhar forma e a Escola de Samba Acadêmicos do Túnel do Sacavém aposta em um enredo que promete levar história, emoção e reflexão para a avenida. O tema escolhido é “O Crime da Baronesa – Quando a História Pede Justiça”, inspirado na obra do escritor, poeta, compositor e desembargador Eulálio Figueiredo.

A história que servirá de inspiração para o desfile aconteceu ainda no século XIX e envolve a morte de Inocêncio, uma criança negra escravizada de apenas oito anos. O caso teve grande repercussão na então Província do Maranhão e levou ao banco dos réus a Baronesa de Grajaú, uma das figuras mais influentes da sociedade maranhense naquele período.

O julgamento chamou a atenção das autoridades, dividiu opiniões e chegou às páginas dos jornais. No fim, a Justiça Imperial absolveu a acusada. Mais de cem anos depois, a Túnel do Sacavém pretende revisitar esse episódio para falar sobre escravidão, racismo, violência, desigualdade e também sobre as marcas deixadas por esse período na sociedade brasileira.

Inocêncio será símbolo do desfile da Acadêmicos do Túnel do Sacavém

Para a presidente da escola, Lidiane Carvalho, levar essa história para a avenida também é uma forma de provocar o público a olhar para questões que continuam importantes.

“Vamos despertar a consciência sobre a justiça, a igualdade, a humanidade e os preconceitos, trazendo para a avenida uma história que precisa ser lembrada e discutida.”

A ideia é transformar Inocêncio em símbolo das vítimas e das vozes silenciadas pela injustiça. No desfile, a avenida vai ganhar ares de um grande “Tribunal da História”, colocando frente a frente o poder da sociedade escravocrata e a resistência, a ancestralidade e a contribuição do povo negro para a formação do Maranhão e do Brasil.

Samba da Acadêmicos do Túnel do Sacavém



vira instrumento de memória

Fundador da Túnel do Sacavém e diretor da escola, Babá Sardinha também destaca a força do samba para manter histórias como essa vivas.

“É um enredo que nos permite olhar para o passado, reconhecer as injustiças e entender que a história precisa continuar sendo contada para que a sociedade possa refletir e transformar o presente.”

Segundo o compositor da Túnel do Sacavém, adaptar história exige responsabilidade.

Para o compositor e intérprete oficial da escola, Allysson Ribeiro, transformar uma história tão marcante em samba também traz um desafio artístico.

“É uma grande responsabilidade e prazer debruçar sobre uma obra tão emblemática da história do Maranhão e transformá-la em samba”, ressalta.

Acadêmicos do Túnel do Sacavém prepara desfile histórico

Com o novo enredo, a escola quer misturar cultura, história e emoção em um desfile que vá além da folia e faça o público pensar sobre justiça, igualdade e dignidade.

Ao colocar a história de Inocêncio na avenida, a Túnel do Sacavém também busca reforçar a memória como uma forma de resistência. Em 2027, o samba será usado para recontar um episódio do passado e provocar novas reflexões no presente.



Juan Carlos Copes, o maior dançarino de tango do século 20, dançando com a filha Juhana Copes em São Luís, na festa dos 7 anos do PH Revista

PH EM RITMO DE TANGO HÁ 40 ANOS

Manuel Bandeira, num dos seus poemas, incluiu um verso, diante de uma trágica notícia, que a melhor opção seria dançar um tango argentino. O tango, pelo ritmo, coreografia, pela amargura ou tristeza de algumas músicas e letras sempre foi conhecido no exterior. Além de uma melodia e pontuação fortes, sempre foi dançado nos grandes salões no século passado. Hollywood foi um dos maiores divulgadores do tango e citaríamos sequências destacando, com ênfase, o tango sendo dançado. Lembraria aquela em que o ator Al Pacino, interpretando um cego, dança um tango inesquecível que o indicou para um Oscar. Marlon Brando lutou para ser o intérprete de O último tango em Paris e não dançou nada. Em Crepúsculo dos deuses, Gloria Swanson dança um tango lembrando que era a música preferida pelo mitológico

Rodolfo Valentino. O tango, no cinema, era uma espécie da metáfora de algum momento especial. Há dezenas de tangos que vi em filmes de Hollywood como também europeus. Afinal, o tango é um ritmo que fascina até hoje como música sensual. Falar em tango me faz recordar da festa dos 7 anos do PH Revista, em 1979. Tínhamos programado um show da cantora Sarita Montiel no Teatro Arthur Azevedo, mas na última hora ela teve um problema de saúde em Fortaleza e foi substituída por um concerto do pianista Pedrinho Mattar (1936-2007) seguido de um espetáculo de tango argentino estrelado pelo maior bailarino de tango de todos os tempos, Juan Carlos Copes (1931-2020), e sua filha Johana Copes. E assim foi coroada de êxito uma celebração que jamais será esquecida.



O grande pianista Pedrinho Mattar brilhou em São Luís na festa dos 7 anos do PH Revista

Casamento descontraído

Um dos grandes acontecimentos sociais de domingo, dia 13, é o casamento de Lara Serra Pinto de Alencar e Thiago Menezes Sales Lisboa, às 15h30, na Igreja de Santo Antônio. A recepção, logo após a

cerimônia religiosa, será na Casa de Zaquia, na Rua do Sol. A noiva é filha de Maria da Glória e Mário Holanda de Alencar, e o noivo, de Rita de Cássia e Amadeu Araújo Lisboa Junior.

Almoço de aniversário

O domingo será de festa para a família Athayde Rocha e seus amigos mais próximos. Para comemorar a nova idade da jovem Daniella Rocha, seus pais Kátia e Marcone Rocha reúnem

amigos para um almoço festivo no restaurante Ferreiro Praia, na Península da Ponta d'Areia. Daniella está colando grau em Direito e já conquistou a carteira da OAB.

Consultório à maranhense

Um maranhense, consultado por um dos mais conceituados neurologistas de São Paulo, Dr. Eduardo Mutarelli, viu que o seu consultório é ornamentado à base de réplicas de barcos. Há alguns anos ele veio ao

Maranhão só para conhecer os Lençóis Maranhenses, que o impressionaram pela fulgurante beleza natural. Um dos mais bonitos barcos da coleção do neurologista foi presente do engenheiro Mauro Fecury.



São Luís vista do mar é ainda mais bonita



O catamarã da Prismar Turismo navega pela Baía de São Marcos

Fotos/Divulgação

UM PASSEIO POR OUTROS ÂNGULOS

Há cidades que precisam ser percorridas para serem descobertas. E há aquelas que também precisam ser contempladas do mar. São Luís pertence às duas categorias. A bordo de um catamarã, a capital maranhense revela uma paisagem diferente, generosa em história, arquitetura, natureza e beleza.

Pelas águas da Baía de São Marcos, a Ilha do Amor ganha novos contornos. Em uma das margens do olhar, surgem o Centro Histórico, a Praça Gonçalves Dias e um conjunto de monumentos e referências arquitetônicas que ajudam a contar a história da cidade. Do outro lado, aparece a São Luís contemporânea, com seus prédios, avenidas e novos espaços urbanos. Entre as duas paisagens, a Ponte José Sarney

estabelece uma espécie de elo visual entre passado e presente.

É nesse cenário que empresas como Prismar Turismo (@prismarturismo) realizam passeios náuticos com embarque na Península da Ponta d'Areia. As saídas podem acontecer pela manhã ou no período da tarde, sempre de acordo com as condições da maré. Cada horário proporciona uma experiência diferente.

Pela manhã, o passeio convida ao relaxamento e a possibilidade de parada para banho. À tarde, a experiência ganha um toque ainda mais especial: em determinados eventos, há música ao vivo a bordo, criando a trilha sonora perfeita para acompanhar o pôr do sol sobre a Baía de São Marcos.

O catamarã dispõe de som ambiente, bar a bordo, banheiro e coletes salva-vidas, proporcionando estrutura e conforto durante a navegação. E são muitos os cenários perfeitos para registrar momentos inesquecíveis, seja em uma fotografia, em um brinde ou simplesmente na memória.

O investimento nos passeios varia de acordo com o horário e a atração musical oferecida. A Prismar, por exemplo, também disponibiliza a embarcação para eventos privados, transformando o catamarã em um cenário exclusivo para aniversários, casamentos, despedidas de solteiro, confraternizações e outras celebrações.

Há algo especial em comemorar a vida cercado de água, céu e horizonte. No mar,

uma festa ganha outra dimensão e uma simples confraternização pode se transformar em uma experiência memorável.

Navegar pela Baía de São Marcos é, portanto, mais do que um passeio. É uma maneira diferente de enxergar São Luís, perceber sua arquitetura de longe, admirar o encontro entre a cidade antiga e a moderna e descobrir que a Ilha do Amor também pode ser celebrada a partir das águas.

Entre a brisa, o sol, a música e o movimento tranquilo do catamarã, a cidade se revela em novos ângulos. E quando o dia termina tingindo o céu de dourado, fica a sensação de que São Luís, vista do mar, consegue ser ainda mais bonita



A viagem é uma ótima oportunidade para lindos registros fotográficos



O passeio é uma aventura pelas águas calmas da Baía de São Marcos



O espetáculo do pôr do sol torna o passeio inesquecível e marcante



Gerente de Enfermagem Rafael Alves, o diretor administrador do HSE - HSLZ, Édén Lúcio Nicolau, com Manoel Pereira, superintendente de Saúde da SEAD, Plínio Túzzolo, diretor geral do HSE - HSLZ, o conselheiro Vinícius Braid e Luciana Ferro, superintendente do FUNBEN, reunidos na nova Clínica-Escola

Os servidores estaduais associados ao Funben e seus dependentes já contam com uma nova unidade de atendimento em São Luís. A Clínica-Escola de Ações de Atenção à Saúde, instalada no Centro de Ciências da Saúde da Uema, reúne 15 consultórios e oferece atendimento em oito especialidades, entre elas cardiologia, ginecologia, endocrinologia e ortopedia. A unidade é operada pelo HSE-HSLZ, por meio da SEAD, em parceria com a Uema, ampliando a rede de assistência aos beneficiários



A Villa do Vinho Bistrô, comandada por Werter Bandêira e Beto Soares, celebra setembro com promoção especial: na compra de um prato do menu promocional, o segundo, de igual ou menor valor, tem 50% de desconto, com direito ainda a uma taça de vinho. A ação vale de domingo a quinta-feira, no almoço e jantar, até o fim do mês. Uma oportunidade para brindar os 414 anos de São Luís e o Dia do Cliente.